

O RIO DE JANEIRO DE CECÍLIA MEIRELES PARA ARMANDO CÔRTES-RODRIGUES

CELESTINO SACHET (UFSC)

Entre 1946¹ e 1964² Cecília Meireles alimentou intensa troca de correspondência³ com o poeta açoriano Armando Côrtes-Rodrigues⁴.

Dentre as centenas de páginas encaminhadas para Ponta Delgada, ilha de São Miguel, têm especial interesse um grupo de doze cartões postais, em preto e branco, com as mais conhecidas paisagens do Rio de Janeiro, despachadas ao Amigo, em 7 de abril de 1946⁵.

No verso de cada um deles, Cecília Meireles recons-trói o cenário com um texto poético no qual Paisagem e Autora se confundem, se integram, se transformam.

Organizados em seqüência, do geral para o particular, os doze tetos abrem a descrição com o Cristo Redentor, a floresta da Tijuca, o Pão de Açucar; seguem com o bondinho da Urca, a Pedra do Leme, a praia de Copacabana, a cidade vista do mar. Concluem com o que a Poeta chama "meu ena-moramento: NUVENS" e com um passeio pela avenida Rio Branco.

Rio, 7 de abril de 1946.

Armando Côrtez-Rodriguez:

Descobri que na semana próxima há um barco p.º Portugal, e ocorreu-me enviar-lhe uns postais que lhe darão algumas impressões desta cidade tumultuosa. Como desconfio tanto do correio, vou mandá-los em diferentes envelopes, e expedi-los em diversas agências postais, para, no caso de se perderem não ser uma perda completa. Apesar de todo o meu hábito de desnecessidades, é um pouco melancólico mandar-se para longe alguma coisa, com tanto interesse em mandá-la, e sempre ter-se a apreensão de que não chegue.

Neste postal vai a imagem — que domina toda a cidade — do Cristo, no alto do Corcovado⁶. Na vertente a seus pés, entre esse pico e a baía, — que vai indicada à margem, — em pequena altitude, a nossa casa. Quando se olha em redor, não se avista mais do que montanha e floresta. Há umas edificações novas, perto, mas não pesam na paisagem. E há coisas longe — o mar, os navios... — que ninguém vê senão eu.

2

A grande altura, perto das matas da Tijuca, nossa irmã Água⁷ deixa-se cair assim pelas pedras. Pensar que noite e dia ali cai, sozinha, por esse gosto lírico de perder-se, de obedecer às suas Leis, de desfazer-se toda para de novo se recuperar. E como poderá saber que se recupera? (E romper-se?).

A floresta é uma alucinação, com sombras, perfumes, aconchegos, pássaros, alguma serpente repentina, e essas vozes fantásticas, multiplicadas em pequeninos, vibrantes, atordoantes cios.

No meio disso, a água límpida, com seu choro transparente é uma pureza, uma liberdade, — é a tranquilidade de passar — isenta — sem os cativeiros intrincados da terra.

Quantas coisas lhe quereria dizer sobre a Água — e tudo o que dizemos são letras de espuma, letras de espuma no mar...

Depois do Corcovado, o Pão de Açúcar é o outro ponto de turismo a atrair binóculos e máquinas fotográficas. (Afinal, parece que lhe estou a escrever um guia da cidade. E é bem possível que me escorregue a pena, e comece a disser-
tar sobre altitudes e preços de passagem!)

Este Pão de Açúcar é tão engenhoso que, pela conformação do Rio, de muitos lugares pode ser visto, e sempre de maneira diferente. Além disso, quase todos os morros da cidade têm essa mesma forma cônica. De sorte que um inglês, que por aqui passou há tempos, escreveu uma página interessante discutindo se havia muitos Paés de Açúcar ou se o único existente era móvel e flutuante.

Essa idéia de mobilidade e de flutuação seria muito útil se a pudessem aplicar à Ilha de São Miguel, por exemplo. Escusava mandar-lhe estas vistas, imperfeitas: e, para retribuir os cumprimentos, dir-lhe-ei que, se olhasse para ela, a cidade, sem dúvidas, ficaria muito mais bonita do que a dizem, — uma vez que a digam muito mais do que eu a encontro.

Aquele Pão de Açúcar que noutro postal lhe apareceu tão tranqüilo "posto em sossego" nas águas da baía de Guanabara, tem a amarrá-lo ao monte mais baixo — o da Urca, que naquele postal se vê — uns grossos cabos por onde deslisa este carrinho que é o prazer dos provincianos, dos noivos e dos turistas profissionais ou amadores. Em poucos minutos e com toda a segurança (é muito dizer-lho, como cicrone...) se sobe da terra firme ao primeiro monte, e, depois, deste ao segundo, de onde, nas horas claras, se avista o mar, com suas ilhas, seus faróis e os bairros que as circundam. Isso e a travessia aérea constituem o encanto do passeio, geograficamente falando. A parte da engenharia é horrorosa, com seus cimentos escalvados. E havia um bar, onde se jantava lá no alto, mas creio que acabou, e apenas

se poderá tomar agora um desses refrescos pavorosos que nunca faltam nesses lugares, e comprar cigarros por preços fabulosos, como também é de norma acontecer...

O inglês a que me referi, seria capaz de jurar que este monte era também o Pão de Açúcar. Mas não: é coisa muito diversa. Fica por detrás dele, já fora da baía, defrontando o oceano. É a Pedra do Leme. Lá onde quis colocar um elegante ponto, e saiu um borrão de tinta, lá morávamos nós. (Mas este postal já é um pouco antigo, pois tem-se construído tanto arranha-céu que a paisagem envelhece de mês para mês.)

Por detrás dessa Pedra nasciam para mim o sol e a lua — e entre essa Pedra e a areia teciam as névoas aquelas brancuras cegas de que fala algum poema.

Anos e anos vivi com esse mar que é quase sempre fúrisoso, nesse trecho. Raro o domingo sem banhistas mortos. Tudo triste e belo, como V. sabe que são as coisas do mar.

Tenho uma saudade grande do apartamento: mas está cedido por dois anos! — e os turistas e a vida banal e fútil dos toldos de lona e dos trajes de banho tornavam a praia muito desgraçada.

"Por sobre as ondas tranqüilas
Fez uma estrada o luar
Por onde vai o meu sonho
Quando se põe a sonhar.

Lindo caminho de luz,
Poeira que do céu cai,
Rastro de tanta ilusão
Que ninguém sabe onde vai.

Rumo das algas levado
Por onde a vaga se espraia,
Nuvem branca na distância,
Espuma leva na praia.

Sulco aberto pelas quilhas
Logo em breve se fechou:
E ninguém sabe quem passa,
Nem sequer onde passou.

Sob o pio olhar da lua
- Choram estrelas de mágoa -
Só a esperança perdida
A boiar à tona da água".

Gosta?

7

Aqui é o outro extremo da praia de Copacabana. Para a direita, em continuação, vêm outras praias, sempre diante do oceano. Há sítios lindíssimos, para longe, com pescadores muito rústicos, habitações extremamente pobres, em contraste com a riqueza do mar que se prolonga e da mata que começa. E aí se vai dando a volta à cidade. Faz-se a curva por uma avenida talhada na rocha, e o mar lá em baixo é um esplendor. Sobretudo ao anoitecer, antes de acender das luzes, vê-se por um mirante toda a vastidão de água de inúmeras cores, com aquelas sombras violentas, e aquele súbito verde que aparece só quando a onda se dobra! E a espuma abre em altos véus que atira às pedras negras e o céu vai desmaiando com estrelas brancas.

Tiveram a lembrança agradável de instalar a essa altura um recanto onde se pode tomar chá. Oh! tomar-se chá vendo nascer a lua!... (Como num poema chinês!)

8

Por essa fotografia V. pode ver a orla marítima e os relevos extravagantes da cidade. O que a torna difícil é justamente esta conformação, toda entremeada de grandes massas de pedra que separam os bairros, tornando o problema das comunicações — principalmente agora — fatigante, demorado, insuportável.

Essas montanhas raramente são acessíveis. Um as são escalvadas, outras cobertas de vegetação densa, mas o clima

não permite excursões muito ousadas, e o alpinismo aqui não tem sentido. Por isso, o Corcovado e o Pão de Açúcar são procurados com tanto interesse: são, na cidade, os dois únicos pontos a que as criaturas se podem transportar, a certa altura, para ver o mundo um pouco de cima. O mundo, visto um pouco de cima, não é desinteressante. Até as criaturas comuns, intuitivamente, sabem disso. Mas o que eu queria é que ele fosse maravilhoso, de PERTO.

9

Aqui é a praia de Copacabana vista "por dentro" — embora no momento já esteja diferente com as construções de dez andares comprimidas umas sobre as outras. O casario pequeno que se vê no primeiro plano edificado é hoje quase inexistente. O arranha-céu vai dando cabo da casa, por toda parte. Não lhe pude arranjar uma vista mais recente; talvez esta seja de uns 5 anos atrás. Aproveito o postal para contar-lhe que, dessa invasão do arranha-céu escapam apenas alguns sítios considerados "turísticos", entre os quais a zona em que agora moramos, onde não é permitido perturbar a paisagem com esse tipo de construções.

Aqui em "Águas Férreas" (é o nome mais geral, seguindo-se o de "Cosme Velho" que é a via que o serve, e o de "Laranjeiras", que é denominação local, mais extensiva), as residências são quase todas antigas e senhoriais. Muitas, em decadência absoluta, convertem-se em cortiços. É tudo ainda mais ou menos como nas gravuras de Debret e Rugendas — mata, palmeiras, pretos, riachos, roupa a secar nas cordas...

10

Agora é a cidade vista do mar: como se estivesse desabitada, não vê? As águas sussurram nos penhascos que devem ser da barra da Tijuca; o Pão de Açúcar avulta, visto de frente; e, no último plano, à direita, perfila-se o Corcovado. Por aquelas covas de verdura, imagine esta sua pobre amiga pensando nos mares longe...

Se algum dia V. vier até aqui⁸, e se vier pelo mar, terá uma visão inesquecível. Todo isso que aí vê é muito fantástico, sobretudo a certas horas, com certas cores. Imagine, por essas madrugadas de névoas róseas e violáceas, todo esse mundo de granito despontando, vagaroso. Esperase uma raça sobrehumana aparecendo depois, nesses lugares incríveis...

Ai! — mas depois se descobrem, por entre muitos automóveis, uns míseros bichinhos como eu...

Tudo pena, — mas veja: nem ouso aconcelhá-lho a vir!

11

Nenhum dos postais anteriores trazia um pouco desta riqueza que é agora o meu enamoramento: NUVENS! Por que será que ando tão apaixonada por elas? Por que são água? ainda água? Pela sua fragilidade? Por que vão para longe?

Sob as nuvens está uma parte do centro da cidade, com os famosos Arcos que a princípio serviram para o transporte de água do monte para a população localizada à beira-mar, e hoje se transformaram, de aqueduto, em viaduto, ligando a parte plana aos morros de Santa Teresa, que vêm a ser parentes do Corcovado.

Embora assim fotogênico, esse bairro é muito feio, mal construído, misturado, com excesso de tráfego e comércio.

Mas no meio disso, há um telhado interessante, uma janela antiga, uma porta com azulejos, etc.

12

E aqui, finalmente, a A. Rio Branco, a artéria principal (repare o estilo!!!) da cidade. Esse jardim pertence à praça Floriano, onde há uma estátua dessas que sempre erigem aos pobres marechais indefesos. Tanta gente puseram pela pedestal acima que ao marechal, de espada desembainhada, atribuem a exclamação: "Aqui não sobe mais ninguém!". À esquerda por baixo desses grandes edifícios, estão os prin-

cipais cinemas da cidade, o que fez dar também ao sítio o nome de "Cinelândia". À direita, o que não se vê, é a Biblioteca Nacional e, um pouco mais adiante, o Museu de Belas Artes. Ao fundo, o Teatro Municipal.

Aqui se acaba a série de postais, com que lhe desejei oferecer uma excursão pela cidade, neste belo domingo de sol e nuvens (dessas que põem tudo de repente obscuro e frio, e logo passam...).

Hoje abriu-se no jardim a primeira azaleia. Faz um tempo lindíssimo. Mas sentem-se as chuvas enormes que passaram, e as que ainda estão suspensas.

Diga-me que não lhe aborrecem tantas insignificâncias que lhe mando.

E como o postal ordena que termine, — ordens suas, talvez? — aqui lhe digo adeus, entre as nuvens e o sol.

Cecília.

Notas

¹ Cecília Meireles escreveu a primeira carta a Armando Côrtes-Rodrigues, em meados de 1946, depois de entrar em contato com o livro *Cantares da Noite - seguidos dos poemas de "Orpheu"*, publicado pelo poeta açoriano em 1942.

² A última carta, manuscrita, foi redigida em um hospital de S. Paulo, em 3 de março de 1964: "(...) estes remédios de hoje (que são tão surpreendentes) me causaram uma pequena calcificação num pulmão — e devo operá-la no próximo dia 6. Essa é à minha história. Segundo o médico, devo voltar ao Rio antes do fim de março. De lá lhe escreverei mais e melhor". Cecilia Meireles morreu em 9 de novembro, daquele mesmo 1964.

³ A correspondência de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues, integrada ao espólio "Casa-Museu Dr. Armando Côrtes-Rodrigues", encontra-se em fase de registro e ordenação pelo Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, Açores.

⁴ Armando Côrtes-Rodrigues (Vila Franca do Campo, 28-02-1891 — Ponta Delgada, 14-10-1971), entre 1910-1915, em Lisboa, seguiu estudos universitários de Filologia Clássica. Inte-

grou o grupo modernista "Orpheu" do qual participaram, entre outros, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Ronald de Carvalho.

Completada a formação profissional, retornou à sua ilha de S. Miguel. Além de professor de Língua Portuguesa, foi poeta, teatrólogo, etnógrafo, cronista. "Poeta dos Simples, da Terra, da Água e do Sol" publicou os seguintes livros: *Em louvor na Humildade. Poemas da Terra e dos Pobres*, 1924; *Cânticos das Fontes*, sonetos, 1934; *Cantares da Noite - seguidos dos poemas de "Orpheu"*, 1942; *Horto fechado e outros poemas*, 1953, com o qual recebeu o prêmio Antero de Quental, atribuído pelo Governo Português; *Planície inquieta*, póstumo, 1987. Em 1991, integrado nas *Memorâncias do Centenário, Canção da vida vivida*, reunião de poemas inéditos, foi editado pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada, sob a responsabilidade do autor destas notas e de Bruno Tavares Carreiro.

⁵ Os doze cartões postais encontram-se sob a guarda da família Bruno Tavares Carreiro — Ana Laura de Gusmão Rodrigues Lopes da Silva Tavares Carreiro, ela sobrinha do poeta.

⁶ Evidente homenagem de respeito aos sentimentos do poeta de profunda vivência católica.

⁷ No livro de poemas *Cântico das Fontes*, Armando Côrtes-Rodrigues exalta a Fraternidade, tal qual um São Francisco transsubstanciado nos elementos Terra e Água. Na composição dos quatro sonetos "Em louvor da Água", o Autor exercita a fórmula "Louvado seja Deus por..." (tantas vezes utilizadas no decorrer da publicação), com o tema central perpassando cada uma das estruturas poéticas: a Água, "nossa irmã".

Louvado seja Deus por ter criado
A água, nossa irmã, com tal ternura,
Pois não há mais alegre criatura
Nem mais palrerira em todo o povoado.

E que humildade a sua! Lá da altura
Daquela serra vem, passo apressado,
Sempre a descer, que é esse o seu cuidado,
A repartir a esmola da frescura.

Pressurosa lá vai a bom correr,
Por aqui, por ali, dando a beber
À terra já sedenta, que a chamou...

E queda-se nas fontes a cantar,
Como dizendo, ao ver alguém passar:
— Se tendes sede, irmão, aqui estou!

⁸ Armando Côrtes-Rodrigues nunca esteve no Brasil. Cecília Meireles visitou o Amigo em dezembro de 1951.